

no campo. c(*aius*) FONT(*eius*), nome do triunviro monetario, e no exergo tenues vestígios da palavra (*Rom*)A.—Esta moeda faz parte de um tesouro de denarios descoberto em S. Tiberio (Pombal), e foi-me oferecida, com outra do mesmo tesouro (*denarius serratus* de Lucio Cornelio Scipião Asiágeno), pelo S.^{or} Eduardo Mendes Cabral, Chefe da Secretaria da Camara pombalense. (Eu dei-as ambas ao Museu Etnologico).

Compreende-se que da semelhança dos aversos (cabeça bifronte) e dos reversos (navio e barca) das duas moedas se originasse confusão no espirito de Estaço, e este applicasse a descrição do asse (de bronze) ao denario (de prata).

2.—Uma moeda hibrida

Por não ter lido as provas de granel do artigo do Sr. Couvreur, publicado n-*O Arch. Port.*, xxiii, 29 sgs., e só ter lido as de página, quando eu já não podia fazer adições, não acrescentei uma nota para dizer, o que faço agora, que já no meu *Elencho das Lições de Numismatica*, I, 56-58, considereei devido a confusão de cunhos, isto é, a engano, o cruzado de ouro em que se lê «Alfonsus» & «Joa-nis secu(n)di», e que por essa ocasião refutei, quanto pude, a hipotese de Aragão, que attribue a moeda ao ano de 1477.

J. L. DE V.

As «marcas de pedreiro» nas fortificações de Trancoso

A visita do Ex.^{mo} Sr. Dr. Leite de Vasconcellos em 1918 a Trancoso chamou a minha atenção para vários assuntos archeológicos que se prendem com o passado desta antiquíssima vila e concelho.

As marcas de pedreiro, que existem principalmente nas obras de defesa militar da vila, despertaram a curiosidade de quem escreve estas linhas, que, sem ser archeólogo, apenas pôde, com as suas observações, fornecer aos especialistas alguns elementos para estudo.

Assim, acompanhando a descrição das obras militares, faremos referência às marcas de pedreiro.

As obras defensivas de Trancoso compreendiam:

1.^o Uma vasta muralha de pedra, grosseiramente faceada, de que hoje não restam vestígios, mas que alguns homens antigos se lembram de ter visto em alguns pontos.

2.º Uma segunda cinta de muralhas, fortes, alinhadas conforme as conveniências do terreno e sua defesa, nas quais existiam nada menos de quatro arcos românicos enormes, voltados para os quatro pontos cardeais, e que eram as primitivas portas de El-Rei, do Carvalho, do Prado e de S. João. Destes quatro arcos desapareceu o de S. João, para abrirem mais ruas à vila; outro foi reconstruído pelo século XVI; e os outros dois, o de El-Rei e do Prado, vêem-se perfeitamente no interior da vila, ao passo que no exterior se acham tapados pelos cubelos ou tórres mandados fazer na época de D. Fernando e D. João III. Êsses cubelos eram 12. Hoje são apenas 8.

Conhece-se perfeitamente a architectura dos séculos XIV, XV e XVI não só pelo aparelho das pedras, pelo aprumo das tórres, pelas siglas ou marcas de pedreiro, que são diferentes das das muralhas, e também se conhece que foram feitas posteriormente, porque as fiadas de pedras das tórres desde o alicerce não estão travadas nas muralhas, mas sim encostadas, no que os canteiros foram realmente perfeitos, porque cimentaram tão bem que só o trabalho de investigação detida é que revelou êste facto.

As portas que estavam situadas entre as tórres (as de El-Rei e as do Prado), segundo vi em vários desenhos tirados pelo Sr. Conde de Tavadede, eram ogivais.

Contrastavam com o arco exterior românico e brutal.

As tórres estão travadas na muralha somente no alto.

A muralha tinha apenas um enorme portão que fechava a entrada. Depois da construção das tórres, além desse portão, ficou tendo uma porta corrediça, e talvez outro portão exterior no arco de ogiva.

Nas portas de El-Rei e do Prado encontram-se essas ogivas hoje substituídas por um arco abatido, construído no século XIX para dar mais ampla passagem a carros.

As marcas de pedreiro das tórres ou cubelos são finamente traçadas e pequenas. (Est. VIII, fig. 1).

As siglas ou marcas de pedreiro das muralhas são enormes, grosseiras, trabalhadas toscamente em harmonia com o aparelho das pedras. (Est. VIII, fig. 2).

Todas as siglas, de que estou falando, se encontram repetidas frequentemente.

Nas paredes das casas, feitas muitas vezes com pedra das muralhas, também é vulgar encontrar marcas.

3.º Na terceira cinta de muralhas o castelo apresenta a mesma construção do segundo recinto: muralha, românica, de arco em que

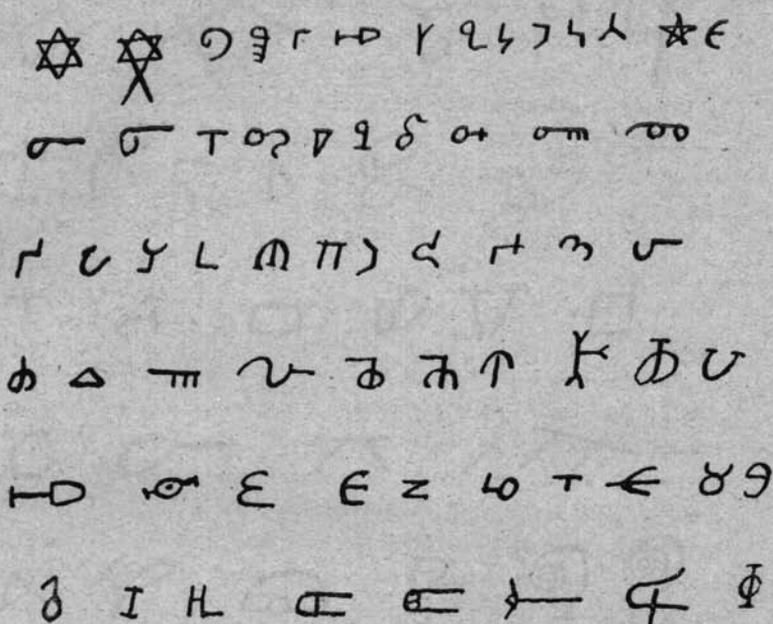


Fig. 1

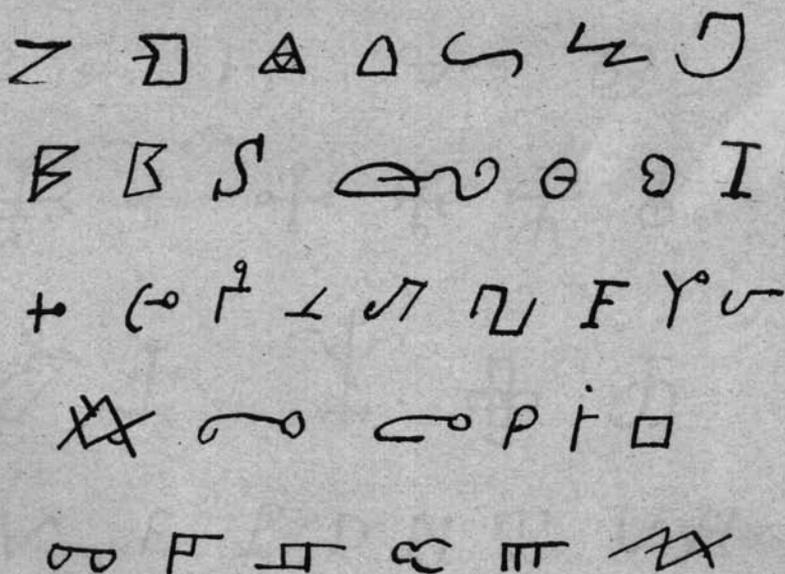


Fig. 2 (segue)

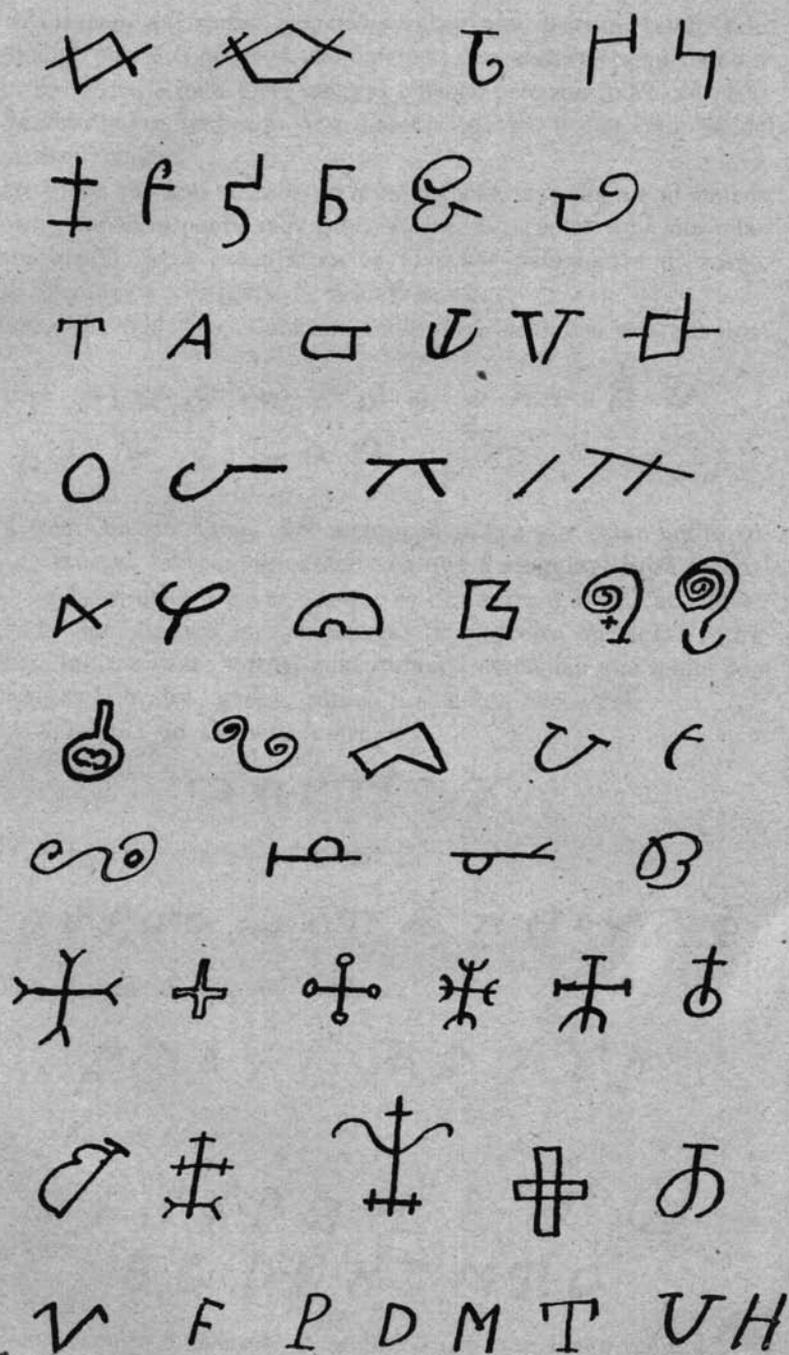


Fig 2

se aproveitaram as fragas graníticas sôbre que assenta, tendo tido seis cubelos, dois dos quais já não existem, uma cisterna pequena abobadada de ogiva, e uma tôrre central curiosa pelo seu feitio, de pirâmide quadrangular, truncada, com arestas curvas, e que ruíu, sendo depois reconstruída.

Esta tôrre não tem entrada ao nível do solo, mas sim a oito metros de altura, por uma porta arqueada. No interior da tôrre ha um pilar enorme, brutal, para assentarem os diversos pavimentos da tôrre. Não se encontram vestígios de subterrâneos.

Marcas de pedreiro, além das indicadas, encontrei nos cubelos:

Handwritten marks on a stone surface, including various symbols and characters.

Na tôrre de menagem não encontrei, talvez por estar muito coberta de musgo, marcas de canteiro, o que é singular! Será a construção ainda anterior à época em que se começaram a usar as siglas?

Tendo lido algures que as marcas de pedreiro ou siglas representavam muitas vezes letras, confrontando as cópias que tenho com os alfabetos hebraico, grego, rúnico e romano, encontrei:

I.—Letras do alfabeto hebraico:

Handwritten Hebrew letters: J, N, P, L, T, Z, Y.

II.—Letras do alfabeto grego:

Handwritten Greek letters: E, O, P, S, C, W, A, T, E, K, O, Y, A, F.

III.—Letras do alfabeto rúnico:

Handwritten Runic letters: B, A, X, Y, K, A, T, T, Y, N.

IV.—Letras romanas:

Handwritten Roman letters: A, F, S, P, Z, H, E, J, B, B, C, D, E, H, I, M, T, O.

Com respeito a marcas de pedreiro é o que tenho anotado, e é muito provável que muitas me escapem.

Encontrei também nas paredes de uma pequenina porta falsa, aberta na muralha, o seguinte, numa pedra:

L. 2 K 2

Na parede duma antiga casa dentro da vila:

7° A 2 3

Encontrei nas paredes de minha casa, que parece ter sido construída com material de alguma antiga igreja há dois séculos, data que se encontra no interior da casa, três pedras onde se vê o seguinte:

1.º Na era de 850 (812) foi consolidado o poder do senhor.

(1) N. E C C M L D O
M V S D O M I N
I F I R M I T E R E
D I F I C A T

2.º Quando.....? inimigo (mouro)..... Com ajuda de Deus.

C V M V I . . .
H O S T I S M A
B . E . D . O . A . V

Estas duas pedras têm dimensões quasi iguais, e letra similar, se não igual.

3.º Senhor Rei Afonso II o mandou fazer em memória perpétua.

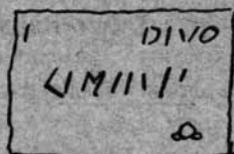
S a . R . A . F c 3
S o u t i v o e
e m . P . M

Eis o que me parece ter lido.

A última pedra está muito picada, gasta pelo tempo, e, como se

vê, escrita em português.—Há vestígios de letras com arabescos noutra, mas só tirando a fotografia, o que ainda não consegui, apesar da minha boa vontade.

Numa outra pedra, encaixada na muralha junto ao boqueirão das portas de S. João, encontrei vestígios de letras:



Talvez duma inscrição romana.

Pode ser que um dia venha a encontrar inscrições ou assunto para uma nova nota arqueológica, mas duvido muito que isso se dê, atendendo a que Trancoso (encontra-se *Trancoso* no foral de Afonso Henriques) foi destruída muitas vezes, como nos dizem as crónicas que, admitindo a sua veracidade, nos mostram o seguinte:

930. Conquistada por Almansor.

939. Conquistada por Ramiro II, de Leão.

960 a 987. Novamente conquistada por Almansor.

1033. Conquistada por Fernando Magno, de Castela.

1140 (Maio). Destruída conjuntamente com Leiria pelos Mouros.

1140 (Junho). Recuperada por Afonso Henriques.

13-9-1159. Destruída novamente pelos Mouros.

1160. Retomada por Afonso Henriques, que a manda fortificar e reconstruir.

1173 a 1185. Primeiro foral de Trancoso dado por Afonso Henriques.

1217. Confirmação do foral por Afonso II.

1282. Novas obras nas fortificações de Trancoso.

1377. Na época de D. Fernando há novas obras de fortificação.

1510. Segundo foral de Trancoso.

1530. Novas obras nas muralhas e tórres.

De 1530 em diante poucas foram as obras executadas nas fortificações, e apenas por ocasião das epidemias, peste e outras, no séc. xvii, entaiparam duas portas pequenas: a da Traição e a do Olhinho do Sol.

Assim a vila, com o seu cunho de antiguidade, permaneceu estacionária no seu desenvolvimento, apertada nas suas muralhas, através dos tempos, como uma múmia ou fósil; sofreu o domínio dos Castelhanos e as Invasões Francesas, e chegou por fim ao séc. xix, em que, para lhe darem maior desenvolvimento, rompe-

ram e mutilaram a cinta intacta das muralhas e dos cubelos, o que lhe fez perder quasi o primitivo aspecto, com grande gáudio da Ignorância Suprema que então se *sentava nas cadeiras do Senado Municipal*.

Trancoso, 30 de Agosto de 1920.

DAVID BRUNO SOARES MOREIRA.

A Pederneira

Apontamentos para a história dos seus marcanes, pescadores, calafates e das suas construções navais nos séculos XV a XVII

É Portugal um povo de navegantes e de homens do mar, e esta marcada e definida tendência, como se tem já dito, muito os aproxima desse pequeno povo que em recuadas eras, saído também dum minúsculo país, dum estreita faixa de terra banhada pelo oceano, percorrerá todas as costas e levará o seu comércio a todos os povos do litoral do Mediterrâneo.

Como os habitantes da Fenícia, os portugueses têm, com efeito, através da sua já longa e gloriosa história, vivido mais do oceano que, numa grande extensão, banha o litoral do país, do que da estreita e também reduzida faixa de terra em que primitivamente a nacionalidade se constituiu e fixou, depois das lutas com Castela e da expulsão definitiva dos mouros dessa tam cubiçada, tam fértil e ridente província que formava o antigo reino de Alfagar.

Ao constituir-se a nacionalidade esta tendência já herdada dos antigos povos que dominaram nas costas da península, a configuração do território nacional banhado quasi totalmente pelo oceano, a sua proximidade da Espanha, barreira impedindo a nossa expansão além dos limites interiores, foram causas que nos levaram, mau grado os perigos, os medos e as tenebrosas lendas, a desvendar os inexplorados domínios do misterioso Atlântico.

A índole da raça e o seu espírito audaz, heróico e aventureiro, as nossas tam frequentes enseadas, os nossos belos portos, tam aptos e propícios ao abrigo e segurança das embarcações, as baías tam abrigadas, os calmos surgidouros das nossas costas, tudo isto, como uma vara mágica, nos impele para o mar e faz deste pequeno povo o herói das mais ousadas navegações.